

## VERDADES ABSOLUTAS: O PODER DA LINGUAGEM

Verônica Fanciele Seidel  
Charles Uilian de Campos Silva

**Resumo:** Tanto Mikhail Bakhtin quanto Friedrich Nietzsche esclarecem que as palavras correspondem apenas à relação do indivíduo com as coisas. Ou seja, nenhum fenômeno da natureza tem significado em si mesmo, sendo justamente por meio da discursivização que algum significado será atribuído a este ou àquele fato. Com base nisso, é legítimo pensar que a verdade e os valores aceitos em qualquer sociedade são construções estabelecidas a partir da linguagem e estruturantes das práticas e dos discursos. Como únicos detentores dessa capacidade de comunicar, entretanto, é preciso refletir sobre as implicações dessas construções em nossas próprias vidas e na vida dos outros seres. Diante disso, pretendo estabelecer uma reflexão de ordem teórico-prática, baseada em conceitos cunhados por Nietzsche e Bakhtin, para discorrer acerca de um tema pragmático tão presente em nosso cotidiano: o (não)fundamento da alimentação atual. Contudo, embora sejamos os únicos seres conhecidos dotados dessa faculdade (a de comunicar nossas verdades e nossos valores), não somos a única espécie – conceito também formulado e acatado por nós mesmos – capaz de sentir, seja fome, frio, medo, dor ou alegria. Utilizamos, ou pelo menos assim o é em grande medida, nosso poder de linguagem, apesar disso, justamente para negar tal questão.

**Palavras-chave:** Valores. Construções. Discursivização.

**Abstract:** Both, Mikhail Bakhtin and Friedrich Nietzsche, clarify that words only correspond to the individual's relationship with things. That is, no phenomenon of nature has a meaning itself, being precisely through discursivization that some meaning will be assigned to this or that fact. Based on this, it's legitimate to think that the truth and the values accepted in any society are constructions established from the language and structuring of practices and discourses. As single holders of this ability to communicate, however, we need to think about the implications of these constructions in our own lives and the lives of other beings. Therefore, I intend to establish a theoretical and practical reflection, based on concepts coined by Nietzsche and Bakhtin, to argue about a pragmatic theme very common in our daily lives: the (no) reasons of current feeding. However, although we are the only beings known that have this faculty (of communicating our truths and our values), we are not a single species – a concept also formulated and complied for ourselves – able to feel, whether hunger, cold, fear, pain or joy. We use, at least on a large scale, our language power, despite that, precisely to deny such question.

**Keywords:** Values. Constructions. Discursivization.

### 1 PRIMEIROS LAMPEJOS

Neste ensaio, o propósito é discutir a relação entre linguagem e verdade e os valores que advêm dessa relação a partir das reflexões de dois pensadores que abordaram o tema com maestria: Friedrich Nietzsche e Mikhail Bakhtin. Embora, *a priori*, tal junção possa parecer inusitada, carrega, contudo, a possibilidade de realizar aquilo a que o conhecimento deve servir: cortar, e não apenas compreender.

Tanto Bakhtin quanto Nietzsche esclarecem que as palavras correspondem apenas à relação do indivíduo com as coisas e nunca a estas em si. Ou seja, nenhum fenômeno da natureza tem significado em si mesmo. É justamente por meio da discursivização que algum significado será atribuído a este ou àquele fato. Diante disso, cabe transcrever o seguinte questionamento de Nietzsche:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda (1987, p. 34).

Com base nisso, é legítimo pensar no caráter móvel dos valores, isto é, no quanto estes são construções estabelecidas a partir da linguagem, e não verdades absolutas. Como únicos detentores dessa capacidade de comunicar, entretanto, penso que é preciso refletir sobre as implicações dessas construções em nossas próprias vidas e na vida dos outros seres. O que fazemos nós com a linguagem de que somos dotados? Quais verdades reproduzimos e quais contestamos? Com base nessas questões, pretendo estabelecer uma reflexão de ordem teórico-prática, baseada em conceitos cunhados por Nietzsche e Bakhtin, para discorrer acerca de um tema pragmático tão presente em nosso cotidiano: o (não)fundamento da alimentação atual (Fig. 1).



Figura 1 – Arte de Richard Watts.

Fonte: Cultura Veg (2015).

## **2 DESCONSTRUINDO/QUESTIONANDO O HABITUAL (QUE PARECE NORMAL E, POR ISSO, ACEITÁVEL)**

Bakhtin nasceu em novembro de 1895, em Oriol, na Rússia (leste europeu), pouco antes do falecimento de Nietzsche, em 1900, na Alemanha. Obviamente, este não conheceu a obra daquele, mas Bakhtin, embora não cite Nietzsche em seus escritos, assim como não o faz para outros que foram suas fontes (na sociedade russa daquele período, o conhecimento não era fragmentado, cindido em disciplinas e movido pela autoria, como ocorre no restante do Ocidente), aproxima-se dele nas reflexões que produz sobre a linguagem. A única exceção está em uma

entrevista concedida, já no final de sua vida, a Viktor Duvakin: “Eu hoje não consigo mais recitar aquilo que conhecia de memória [...]. Por exemplo, conhecia de memória muitíssimos... bem, textos, não obras inteiras, do Nietzsche. Em original, certamente, em língua alemã. Eu estudei Nietzsche com apaixonado entusiasmo” (BAKKTIN; DUVAKIN, 2012, p. 42).

Bakhtin entende que é via linguagem que temos acesso ao mundo e que através dela somos falados: nossa primeira imagem sobre nós mesmos, inclusive, advém da fala de nossos pais, definindo-nos e falando por nós. Essas palavras recebidas, como menciona Bubnova, “são as primeiras *valorações* que recebemos” (2013, p. 15, grifos do autor). E, a partir disso, aprendemos a nos comunicar com os outros pela linguagem, adquirindo, juntamente com as palavras, uma série de valores sobre o mundo. Exemplificando, se nosso primeiro pedido por um brinquedo que queremos (como uma boneca, por exemplo) for negado, com a explicação de que é “caro”, não sendo possível pagar por ele, provavelmente tal vivência marcará nossas experiências futuras com objetos que passaremos a considerar caros ou não.

Mas vejamos: a boneca pode ser comprada por uma quantia x, que será considerada alta ou não, justa ou descabida, de acordo não só com o poder aquisitivo do comprador, mas também com uma série de outras razões, como o valor que este indivíduo atribui ao objeto em questão. Logo, neste exemplo, entendemos que o valor atribuído à boneca pelo indivíduo ocorre por meio da linguagem, quando afirma que é um brinquedo caro, momento em que não está apenas nomeando, mas, como sempre ocorre ao utilizarmos a linguagem, valorando aquele objeto e determinando suas características ao interlocutor. Não é possível, desse ponto de vista, acessar a boneca diretamente, observar aquele objeto como uma concretude isenta de valorações: já crescemos ouvindo (e aceitando) que boneca é brinquedo de menina, usa vestido (preferencialmente rosa), tem a pele clara e, às vezes, é cara.

E, assim, são constituídas as verdades, porque tais valorações passam a ser aceitas socialmente em determinada época, e nos esquecemos de que fomos nós mesmos quem atribuímos e estabelecemos esses valores e essas verdades. Esquecemo-nos, então, que a árvore não é feminina e o tomate masculino, como afirma Nietzsche (1987), que só somos mamíferos porque nós assim o designamos, que a beleza nunca está no objeto, mas no olhar do observador. Por isso,

a “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura sem consequências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas [...] acreditamos saber algo das coisas em si mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e de flores, e, no entanto, não possuímos nada mais que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem (NIETZSCHE, p. 33, 1987).

Nesse sentido, Nietzsche menciona que o homem esquece que é isso que passa com ele: “mente, pois, da maneira designada, inconscientemente e segundo hábitos seculares – e justamente *por essa inconsciência*, justamente por esse esquecimento, chega ao sentimento de verdade” (1987, p. 35, grifos do autor). A verdade é, assim, “um tipo de invenção, de convenção que esqueceu sua origem [...] é uma ficção que o esquecimento elevou à categoria de ‘valores eternos’” (MOSÉ, 2005, p. 82).

Tais colocações trazem à tona o fato de que a verdade e os valores aceitos em qualquer sociedade são construções estabelecidas a partir da linguagem e estruturantes das práticas e dos discursos. Trata-se, portanto, de escolhas, feitas a partir de determinadas perspectivas, as quais – sem discutir aqui o sistema de dominação baseado na verdade, vigente entre os próprios homens e que os distingue entre si – sempre levam em conta um mesmo olhar: o olhar do homem. Como afirma Mosé: “semelhante ao astrólogo que observava as estrelas a serviço do homem e em função de sua sorte e sofrimento, assim um tal pesquisador observa o mundo inteiro como ligado ao homem [...] Seu procedimento consiste em tomar o homem por medida de todas as coisas” (2005, p. 35).

Contudo, embora sejamos os únicos seres conhecidos dotados dessa faculdade (a de comunicar nossas verdades e nossos valores), não somos a única espécie – conceito também formulado e acatado por nós mesmos – capaz de sentir, seja fome, frio, medo, dor ou alegria. Utilizamos, ou pelo menos assim o é em grande medida, nosso poder de linguagem, apesar disso, justamente para negar tal questão. Conforme tão bem ressalta Mosé (2005, p. 82),

É sempre tendo em vista a utilidade que alguma afirmação é elevada à categoria de verdade. O que o homem de fato quer não é a verdade, mas as consequências que ela pode proporcionar. Uma verdade, em si mesma, não interessa a ninguém [...] O que a ciência quer não é conhecer, é esquematizar para controlar, para prever.

Assim, defendemos a verdade de que somos uma espécie superior, pois temos linguagem. Mas essa verdade traz consigo uma série de implicações, como, por exemplo, a permissão do uso de animais (também o somos, segundo as verdades e os conceitos que nós mesmos criamos) não humanos em experimentos científicos; em produções cinematográficas; em atrações culturais, como rodeios e zoológicos; na fabricação de cosméticos e remédios (muitos remédios levam lactose em sua composição); na confecção dos mais diversos produtos, desde sacolas plásticas até pneus; na guarda de imóveis; em buscas policiais; e em produtos alimentícios em geral, incluindo “barriga de porco” (presente em uma lasanha vegetariana vendida no Brasil!) e soro de leite (um

subproduto líquido obtido no processo de fabricação do queijo, de cor verde-amarelada e aspecto turvo).

Esse universo de usos (observemos: usamos coisas; quando a palavra “uso” é destinada a uma pessoa, o sentido torna-se pejorativo – “Bruno usou Maria para atingir seus objetivos”) é calcado em uma mesma verdade: somos seres superiores (porque assim nos definimos) e, por isso, estamos autorizados a fazer uso de todos os outros seres, inferiores, obviamente, para aquilo que julgarmos conveniente. Não interessa aqui, como ressalta Foucault (2001), ao discorrer sobre a genealogia proposta por Nietzsche, a origem, no sentido de primeira ocorrência, dessas práticas. O que coloco em voga neste momento são, justamente, as implicações da sustentação de nossa superioridade enquanto espécie e do quanto tais ações são desprovidas daquilo que Bakhtin (2010) denomina de empatia – a capacidade de me colocar no lugar do outro, sem esquecer, contudo, o que sinto quando estou em meu próprio lugar.

Se levarmos em conta a dor e o sofrimento que causamos diariamente com nossa alimentação (178 milhões por dia de mortes diretas) aos animais não humanos, somado ao desmatamento e ao consumo de água gerados pela pecuária (carne, leite e derivados), em um momento em que se fala na importância da preservação ambiental, veremos que tal ato é questionável. Mais do que isso, ele não se justifica. Nada justifica dor e sofrimento. Se as ideias devem servir ao corpo, porque ele é tudo que existe – “Tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial” –, conforme entende Nietzsche (1882, p. 40), como submeter outros corpos, que também sentem, àquilo que não desejam? Se não existe alma ou espírito, o que importa, de fato, é somente o corpo, e não é preciso ser consumido por uma empatia descomunal para sabermos que nenhuma criatura dotada de sensibilidade (caso de todos os animais com sistema nervoso central) e de consciência (sabemos hoje que animais como mamíferos, algumas aves e inclusive polvos têm esta capacidade) quer sentir dor.

A empatia permite-nos entender os valores dos outros e faz, também, com que nossas ações sejam pautadas em um agir responsável, que considere as consequências daquilo que optamos por fazer. Esse pensamento conduz, inevitavelmente, ao que Bakhtin (2012) denomina de “não-álibi no existir” (p. 102). Como seres dotados de linguagem, não temos álbi: somos conscientes de que nossos atos não dizem respeito apenas a nós mesmos, mas a todos aqueles que serão afetados por nossas ações. Se deus está morto, como afirma Nietzsche (2003), somos os únicos responsáveis por nossos atos e por suas consequências. Não há álbi: é preciso refletir sobre o que fazemos e, logo, sobre o que comemos.

A atividade de comer parece distante de reflexões de natureza teórico-filosófica, mas, na verdade ela é essencial. A que serve o conhecimento e mais especificamente a filosofia senão a

modificar algum aspecto da vida real? Discussões de ordem metafísica são apenas abstrações, que não interessam em absoluto à existência dos seres no mundo real. É mais fácil discutir sobre as querelas que circundam países em que a religião adota práticas machistas ou em que cachorros são abatidos a pauladas ou em que crianças passam fome na África se não temos poder para intervir nessa realidade. Essas são questões que precisam ser pensadas, que precisam ser avaliadas.

Contudo, nada mais urgente, pois nos diz respeito diretamente e temos total poder para intervir em tal acontecimento, do que nossa alimentação. Comemos desde que nascemos e assim será até nossa morte. O que pode parecer, a um olhar desavisado, um mero ato fisiológico, deixou de o ser há tempos. Nossa alimentação passou a ser, a meu ver, o primeiro modo de dominação e exploração; passou a ser nossa primeira chance de nos sentirmos capazes de fazer aquilo que quisermos com o outro sem precisar dispender explicações. Dito de outro modo, passou a ser nossa dose de violência diária.

Assim como entende o escritor Albert Camus, quando afirma que a única questão séria da filosofia é saber se a vida vale ou não ser vivida, penso que o único questionamento realmente válido é: e se fosse você? Para responder essa pergunta, é preciso ser empático, colocar-me no lugar do outro, de fato, lembrando como é sentir determinadas coisas quando estou em meu próprio lugar. Como eu me sentiria se fosse constantemente encurralado, amontoado no meio de outros tantos, que já perderam sua identidade (são apenas números), obrigado a comer em excesso para que cresça rapidamente e forneça ovo, leite, lã ou carne a seres de outra espécie que não estão tendo sua vida ameaçada por mim, ou seja, que não precisariam me matar para continuar vivendo?

A empatia permite que vejamos no outro alguém íntegro, com identidade e vontades próprias. Tal visão, denominada por Bakhtin (2010) de objetivante, proporciona que eu veja no outro um ser, que, assim como eu, existe, e me leva, conseqüentemente, a um agir responsável. Uma vez que sei como é estar no lugar do outro e sei que todos os meus atos têm conseqüências, preciso agir de forma responsável, levando em conta todos aqueles que, de algum modo, serão afetados por minha atitude. Isso permite que eu me torne consciente da minha existência, já que preciso refletir sobre ela ao me imaginar no lugar do outro, e, ao mesmo tempo, que eu me torne responsável pelo que penso, digo ou faço. Sei, então, que minha existência tem o que poderia ser denominado de peso para o mundo, pois ela é capaz de modificar coisas ou reproduzi-las, porque todas as decisões, por mais automatizadas que sejam, refletirão na existência de outros seres, muitas vezes sem voz.

No entanto, a cultura leva-nos a esquecer de que temos o poder de decidir, de que cada gesto é válido e importante, porque o existir-evento é sempre um ato único e singular, que não pode ser repetido. Como afirma Bakhtin,

Todas as forças de uma realização responsável se retiram para o território autônomo da cultura e o ato separado delas degenera ao grau de motivação biológica e econômica elementar perdendo todas as suas componentes ideais: é esta precisamente a situação atual da civilização. Toda a riqueza está posta a serviço do agir biológico (2010, p. 106).

Semelhante tema é abordado por Nietzsche, quanto este, por exemplo, afirma: “Coloca agora seu agir como ser ‘racional’ sob a regência das abstrações; não suporta mais ser arrastado pelas impressões súbitas, pelas intuições, universaliza antes todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, para atrelar a eles o carro de seu viver e agir” (1987, p. 35). O poder de automatização e alienação da cultura pode ser facilmente percebido ao expormos uma criança a situações a que, como adultos, não reagimos mais, pois já passaram a ser normais (afinal, sempre foi assim) e, por isso, aceitas.

Se uma criança presenciar o que está por trás do “pão nosso de cada dia”, dificilmente não ficará, no mínimo, abalada. Inúmeras experiências do gênero já foram feitas em campanhas pró-conscientização e libertação animal, mostrando o que ocorre em abatedouros ou em rebanhos de gado leiteiro, em que a vaca é estuprada e separada de seu filhote assim que este nasce (seu destino será fornecer a macia carne de vitela; sim, ela é macia apenas porque vem de um recém-nascido) para que seu leite (gerado para seu filhote) possa ser sugado para sustentar a indústria leiteira destinada à alimentação humana (somos a única espécie que consome leite depois de adulta; se realmente precisássemos de leite durante toda nossa vida, será que nossas mães não produziram leite eternamente? Será que a seleção natural cometeu tamanho equívoco?). Esse processo se repetirá diversas vezes, até que a quantidade de leite produzida seja considerada insuficiente e a vaca seja abatida humanitariamente, termo que precisa ser ressignificado: o abate é feito por humanos e para humanos, no sentido de promover o bem-estar do homem. Não existe morte humanitária: morte é tão-somente morte.

Como seres sem álibi e cientes de que nossas verdades são construções, realizadas de determinada perspectiva, cabe questionar: qual seria a diferença real entre as espécies que justificaria tanto sofrimento? Ela existe? É necessária? Inúmeros estudos apontam que uma alimentação totalmente isenta de produtos de origem animal é possível e muito mais saudável que a alimentação carnista. Na verdade, sabe-se que muitas doenças da vida moderna, como o câncer, por exemplo, estão ligadas ao consumo de ingredientes de origem animal.

Além disso, é preciso ressaltar que a posição objeto ocupada pelos animais não humanos atualmente já foi posto de outros grupos. Escravos, índios, mulheres e homossexuais também eram vistos (e infelizmente ainda o são muitas vezes) como seres inferiores e que, por isso, não tinham



os mesmos direitos que os demais. Alimentar-se de carne, ovos, leite e derivados é legal e socialmente aceito. Isso, todavia, é suficiente para embasar uma prática que queira ser ética?

### 3 REFLEXÕES (DES)NECESSÁRIAS

Nem Bakhtin nem Nietzsche produziram seus escritos pensando, muito provavelmente, em outra perspectiva que não a humana, embora este discorra acerca do caráter perspectivo e arbitrário dos valores e conceitos e aquele discuta a importância da empatia para um agir responsável. Penso, contudo e apesar disso, que é preciso ir além. A teoria, se quiser ser útil, deve servir à prática, deve auxiliar a pensar e a perscrutar questões que dizem respeito à existência e ao cotidiano dos seres.

Somos nós dotados de linguagem e, por meio dela, fundamos nossa verdade, que é, conforme ressalta Nietzsche “cabalmente antropomórfica e não contém um único ponto que seja ‘verdadeiro em si’, efetivo e universalmente válido, sem levar em conta o homem” (1987, p. 35). Não usamos nossa linguagem para defender ou falar por aqueles que não têm voz, agindo como seres capazes de sentir empatia: ao contrário, calamos toda e qualquer possibilidade de verdade que vá de encontro aos nossos interesses, mesmo que banais (Fig. 2). Entretanto: precisa continuar sendo assim?



Figura 2 – Arte de Erica Floyd.

Fonte: Cultura Veg (2015).

### Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail; DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 10, pp. 9-18, 2013.

CULTURA VEG. *10 Artes que todo Vegano tem que Compartilhar por aí*. 2015. Disponível em: <<http://www.culturaveg.com.br/10artes/>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001, pp. 15-37.

MOSÉ, Viviane. A palavra como verdade. In: \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp. 70-86

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. 4. ed. Seleção de textos de Gérard Lebrun e tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *Fragments posthumes*. Automne 1884 – automne 1885. Oeuvres philosophiques complètes, XI. Paris: Galimard, 1982.

---

Recebido em: 31/02/2016

Aceito em: 24/02/2016